

que a *Seara Nova* sofreu em toda a sua existência, foi a violenta fase em que a odiosa PIDE e a censura exerceram forte repressão sobre os seus redactores e textos, afectando naturalmente a função cultural, cívica e democrática da revista. No entanto, apesar de toda a violência do regime sobre a revista e dos assaltos a que a sua redacção era sujeita por parte daquela polícia, a *Seara Nova* conseguiu sobreviver, ainda que algo constrangida. Foi nesse longo período da *Seara Nova* que apareceram, nas suas páginas, as famosas polémicas entre os seus colaboradores, que não deixaram de marcar o seu nível cultural. Recordo aqui, entre outras, a polémica que se estabeleceu entre António Sérgio e Abel Salazar.

Entretanto, a oposição ao regime ganhava, a pouco e pouco, força, em que a *Seara Nova*, em especial sob a vigência de Câmara Reys e de Manuel Sertório, reforçou a oposição em crescendo com novas ideias, que animaram, por exemplo, a candidatura do General Humberto Delgado. Que se tenha presente, também, que foi na sede da *Seara Nova* que muitos *seareiros* tiveram uma larga e valiosa participação nos dois Congressos Republicanos e no da Oposição Democrática de Aveiro, cuja documentação foi depois por si editada.

Tudo caminhava para que a Revolução, sob pressão da Guerra Colonial, acabasse por surgir, impondo transformações profundas no País, defendendo novos interesses, políticas progressistas e democráticas, com forte incidência sobre a vida económica e social, notoriamente opostas às que se viviam sob o domínio de Salazar. E a Revolução tornou-se, por fim, uma realidade e, com ela, a liberdade conquistada, o que acabaria por provocar o abandono de muitos leitores que passaram a integrar os partidos e movimentos que, entretanto, se foram desenvolvendo.

Não surpreende, assim, que a revista atravessasse, a partir daí, momentos de grandes dificuldades, praticamente de pré-falência. Nessa altura, surpreendentemente, talvez por ser economista, convidaram-me para ser director da *Seara Nova*, convite que não aceitei de imediato, o que efectivamente iria acontecer mais tarde, mas com uma condição: a de se respeitar o seu estatuto original, colegial, na esperança de um dia poder trazer outra vez as suas virtudes e brilhantismo aos portugueses.

Era notório que a *Seara Nova*, no fim dos anos setenta, sobrevivia apenas à custa de muita dedicação e sacrifício, o que lhe permitiu, ainda, publicar mais dois números, porque a viabilidade económica e financeira em que se movia não lhe permitia mais. Mas, cinco anos depois, em consequência da instabilidade económica em que o País vivia sob o domínio de um liberalismo capitalista, com os valores éticos e morais a serem frequentemente

ignorados, eu e alguns *seareiros*, preocupados com a situação, resolvemos, em 1985, fazer publicar regularmente a *Seara Nova*, na esperança de que, com a ajuda das suas intervenções, a revista voltasse a ser lida, escutada e respeitada.

De facto, sentia-se de novo a necessidade de uma voz crítica e pedagógica como a da *Seara Nova*. Surgiu, então, a ideia de organizar um grupo, constituído por velhos e respeitáveis *seareiros*, como Aquilino Ribeiro Machado, Luís Francisco Rebello, Piteira Santos, Rui Grácio, Jacinto Baptista, Salgado Zenha, Luís Azevedo e por mim próprio. Grupo este que, para o efeito, formou uma cooperativa, tendo Salgado Zenha sido eleito presidente e eu director da revista, que continuou a respeitar o seu consagrado estatuto. Já agora, permitam-me que os informe das condições que me levaram a ingressar na *família seareira*. Fui convidado pelo próprio director da *Seara Nova*, Câmara Reys, para colaborar na sua revista quando fosse libertado da Cadeia de Caxias, onde cumpria, em 1958, uma pena de dois anos, juntamente com outros colaboradores da redacção da *Revista de Economia*. Esta publicação, no seu género, era importante no Portugal de então, especializada em matérias económicas e financeiras. Sendo objectiva e tecnicamente exigente nas suas análises, era bastante crítica quanto à política de Salazar, o que gerava intensas vigilâncias políticas e constante censura exercida sobre os seus artigos. Cuidados estes que se radicalizaram, através de uma ordem de prisão contra toda a redacção da revista e, com ela, o fim da publicação, o que, afinal, era o que se pretendia. Como é evidente, aceitei tão honroso convite. Aqui está a razão que me levou para a *Seara Nova*.

A *Seara Nova* constituía a voz de uma frente comum contra a ditadura de Salazar, nomeadamente nas décadas de 60 e 70. Impôs-se, a partir de certa altura, como voz oficiosa de oposição democrática que foi importante, como se sabe, para o derrube do poder ditatorial. Logo que esse poder foi derrubado, as várias forças políticas que nela colaboravam no combate à ditadura, aproveitaram imediatamente as liberdades para promoverem as suas próprias publicações. Antes do 25 de Abril, a comunicação social não registava mais do que uma dezena de títulos, número este que, depois daquela data, explodiu, alcançando um número de títulos superior a cinquenta, ao mesmo tempo que a rádio e a televisão se potenciavam, inundando as casas dos cidadãos com variado noticiário e exposição de ideias.

Estas novas condições obrigaram a cuidar de novo do projecto da *Seara Nova*. Tornou-se necessário procurar novos apoios, apoios que naturalmente se identificassem com o seu estatuto, o que se conseguiu graças à adesão da

Associação Intervenção Democrática, através da qual foi obtida uma relação positiva, que permite manter viva a *Seara* por inteiro. Não fazia sentido que o grupo orientador da *Seara Nova* se assumisse como um espaço próprio de reflexão e com um projecto comum de intervenção social e cultural. Seria antes mais razoável fazer um esforço editorial que permitisse a convivência, nas páginas de uma mesma revista, de personalidades provenientes de famílias de pensamento diferentes. Mas com traços comuns: respeito pelas diferenças de opinião; identificação com ideais progressistas; seriedade dos pontos de vista; competência no tratamento das questões; vocação para a divulgação científica e cultural. No fundo, respeitando o verdadeiro *espírito seareiro*. Na coordenação da revista, nos exigentes trabalhos de planeamento e de elaboração de cada número, permitam-me recordar, em sequência temporal, aqueles que, em minha opinião, deram neste campo maior contributo ao projecto *Seara Nova*: Raul Proença, Câmara Reys, Augusto Casimiro, Rogério Fernandes e Sottomayor Cardia.

Mas a *Seara Nova* foi sendo feita por um extenso número de colaboradores, para além do núcleo orientador ou redactorial, de um universo cultural muito amplo, que José Rodrigues Miguéis, em dado artigo, identificou como “*amigos das ideias da Seara Nova*”. Por um simples acto de justiça (e de injustiça relativamente a tantos que olvido), deixem-me recordar alguns outros intelectuais mais constantes na sua colaboração em determinados períodos: Sarmiento de Beires, Quirino de Jesus, Azevedo Gomes, Emílio Costa, Faria de Vasconcelos, Lopes Graça, Bento de Jesus Caraça, Keil do Amaral, Francine Benoit, Irene Lisboa, José Rodrigues Miguéis, Urbano Tavares Rodrigues, Augusto Abelaira, Rui Grácio, Armando de Castro, Victor de Sá, José Saramago, Nikias Skapinakis, Machado da Luz, Carlos Porto, Salgado de Matos, Gilberto Lindim Ramos.

A *Seara Nova* da actualidade assume-se como herdeira do *espírito seareiro*, em defesa dos mesmos valores cívicos, democráticos e culturais, como de início referi. Continuando a tratar grande diversidade de assuntos, dedica, porém, maior espaço à área do social, face às condições concretas que o País vive. Cada número abre com um dossier sobre um tema específico de interesse nacional, havendo depois uma abordagem de questões nacionais e internacionais relevantes no período, incluindo actividades culturais.

A *Seara Nova*, com um décimo da tiragem que alcançara no seu auge do início da década de 70 e com uma periodicidade trimestral, não tem hoje influência e projecção ao nível que atingira na maior parte do seu meio século de resistência antifascista. Mas prossegue, crescendo, um caminho empenhado de intervenção democrática, no respeito ao projecto *seareiro*